

The background of the book cover is a collage of textures. On the left, a vertical branch with a greyish bark and some holes is visible. The rest of the cover is filled with crumpled paper in shades of yellow, orange, and brown. A small, dark moth is perched on the branch at the top left.

Mari, a mariposa, e
Marieta, a borboleta

Dago Arena
Ilustrações de Fernanda Carneiro

Mari, a mariposa,
e
Marieta, a borboleta

Dago Arena

Ilustrações de Fernanda Carneiro

Copyright © Dagoberto Buim Arena e Fernanda Carneiro

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor e da ilustradora.

Dagoberto Buim Arena

Mari, a mariposa, e Marieta, a borboleta. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 70p. 20 x 20 cm.

ISBN: 978-85-7993-885-6 [Impresso]
978-65-265-0508-3 [Digital]

1. Literatura infantil; 2. Alteridade; 3. Diferença não-indiferente; 4. Relação entre pessoas; I. Título.

CDD - 028.5

Ilustrações: Fernanda Carneiro

Ficha Catalográfica: Hêlio Márcio Pajeú - CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hêlio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kúyava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos - SP
2023

Mari, a mariposa,
e
Marieta, a borboleta

Dago Arena

Ilustrações de Fernanda Carneiro

Às borboletas e mariposas,
vítimas de minhas brincadeiras
na infância.

Num dia, em que nem dia era mais e nem noite era ainda, encontraram-se Marieta, a borboleta, e Mari, a mariposa. Pousaram juntas, quase ao mesmo tempo, em uma grande margarida, amarela e branca.

— Como você se chama?

— Marieta. E você?

— Mari.

— Parece que somos parentes, Mari?

— Acho que sim - respondeu, enquanto limpava suas patinhas esfregando uma à outra. — Você mora por aqui?

— Moro, moro ali, naquele pé de dama-da-noite.

À noite o perfume da dama-da-noite se espalhava por todo o jardim. Todos os insetos, de todos os tamanhos e de todas as cores, suspiravam de tanto prazer.

Era um perfume delicado, suave, doce, envolvente, cheio de vida.

– Ali? Ora, eu também moro aqui neste jardim - disse Mari, admirada.



Mari não vivia na dama-da-noite. Escolhera para morar um buraquinho no tronco de uma jabuticabeira pequena, pintado de manchas amarronzadas. No tempo de troca da casca, a jabuticabeira tinha manchas como a cor das asas de Mari. As cores do tronco se misturavam a elas e ninguém notava se eram cascas se soltando, ou as asas de Mari repousando. Depois das chuvas, vinham flores brancas, perfumadas, alegres.



A jabuticabeira ficava em festa. O mundo dos insetos, de besouros, de abelhas, de mariposas e de borboletas festejava e esperava a vinda das flores e o nascimento das frutinhas pretas e brancas

- É mesmo - espantou-se Marieta. — Mora por aqui?!!
E como é que nunca nos vimos antes?!
- EU já sei por quê. É porque você é borboleta e eu sou mariposa.
- Mariposa?
- É.
- Ah! Já ouvi falar de vocês.
- Nós só passeamos à noite e vocês, borboletas, só durante o dia.

— Então você é uma mariposa - disse Marieta, espantada, arregalando os olhos. — Você só voa à noite?!

— Só.

— E não tem medo?

— Não, respondeu Mari, levantando as asas, preparando-se para voar.

— Espere! - gritou Marieta, a borboleta. — Vamos passear juntas qualquer dia?

— Qualquer dia ou qualquer noite?





Marieta arregalou novamente os olhos, olhou para Mari meio assustada, meio curiosa, e respondeu com ar de receio nos olhos e com um leve tremor na voz:

— Qualquer noite! - disse, sem convicção.

— Está bem.

— Mas qual qualquer noite?

— perguntou Marieta, com um friozinho na barriga.

— pode ser amanhã à noite? - sugeriu Mari, tranquilíssima!

— Claro!

Marieta concordou, mas o seu coração começou a bater aceleradamente.







De início sentiu receio, agora já estava começando a sentir um medozinho invadir a sua barriguinha.

– Então, até amanhã à noite, Marieta.

– Onde vamos nos encontrar, Mari?! - perguntou Marieta, disfarçando a sua aflição com um sorrisinho amarelo, da cor do miolo da margarida.

– Aqui mesmo.

– A que horas?

– Nesta mesma hora, hora do lusco-fusco.

Marieta não entendeu bem o que era hora do lusco-fusco, mas sabia que seria na mesma hora, na hora em que os raios do sol ficam fracos, fracos e, tristes, se escondem por trás das árvores e das colinas. É quando a noite chega de mansinho.

— Tá bom! Até o lusco-fusco de amanhã! - confirmou com um ar aparentemente de decisão.

O sol desmaiou, o
dia morreu, a lua se
ergueu, a noite nasceu.
Marieta se escondeu,
temerosa. Mari
reapareceu, feliz.



A noite em que Marieta, a borboleta, foi passear
com Mari, a mariposa

Na hora combinada, lusco-fuscante, Marieta pousou na mesma margarida. Estava linda. Os últimos e já fracos raios morrentes de um sol desmaiante brilhavam nas escamas vermelhas, pretas e amarelas das suas asas. Os olhos marrons, redondos e grandes, brilhavam de ansiedade.

Suas anteninhas, limpinhas e maquiadas,
dançavam uma dança aflitiva diante de seus
olhos. Sentia na barriguinha um friozinho, um
medinho, mas um pouco gostoso, como o que
todo mundo sente quando vai viajar para um
lugar que nunca viu. E que não sabe o que vai ver
e sentir.

- Como você está bonita, Marieta!
- Você acha, Mari? - perguntou por perguntar, porque se achava mesmo linda. Em volta dos olhos colocara um pouco de brilho. As anteninhas estavam limpíssimas. As patinhas com sapatinhos delicados, vermelhinhos, quase invisíveis, eram mais delicadas que pezinhos dessas princesas inventadas por escritores. Mais delicados que os de Cinderela.



- Acho!
- Você não tem escamas coloridas como eu, Mari?
- Não. Sou assim, meio cinza, meio marrom. E só. Nem maquiagem uso. Não tenho brilho, nem patinhas delicadas. Nem sapatinhos. Mas gosto de mim assim. Todos os que passeiam à noite são assim, sem muitas cores.

— E as suas asas, Mari? Por que você só fica com elas bem abertas?

— Fico descansando, Marieta, descansando. Elas repousam abertas, enquanto eu cochilo. E durante os dias ensolarados, eu me confundo com as cascas do tronco da jabuticabeira. Assim fico protegida contra as ameaças dos que vivem na claridade do sol.

— Ora, se eu ficar assim, com as asas abertas, eu me canso. Eu tenho que ficar com elas assim, em pé, bem em pé, enquanto eu chupo o melzinho das margaridas e de outras flores. E não vejo perigo algum durante o dia! Tudo é tão claro!!

— Se eu ficar com as minhas assim em pé, Marieta, eu é que me canso.

— Engraçado! Somos parentes, mas temos jeitos diferentes, não é?
— É. E já está na hora de sairmos. Vamos?



O coraçãozinho de Marieta disparou na sua barriguinha. Era o seu primeiro passeio à noite. Como seria? No alto, no céu, a lua brilhava cheia. Com os olhos arregalados, Marieta olhou para ela e a achou linda.

— Que lua bonita!

— É a cheia. Na lua cheia a noite fica desse jeito, clara - disse Mari.



— Clara? Para mim tá tão escura. Você não tem medo?

— Medo? De quê? De quem? A noite não bota medo, não - disse Mari, sem tremor na voz, sem frio na barriguinha.

Marieta nada respondeu. Levantou mais suas antenas. Queria ouvir tudo, sentir tudo.

— Que luz é aquela que acende e apaga? - apontou Marieta para uma moita de erva-cidreira.

— É Vaguinho, o vagalume. Venha ver. Ele tem luzinha e nós voamos ao redor dele - explicou Mari, com jeito de professora. — Nós sempre dançamos quando vemos uma luz à noite.

Aproximaram-se com um voo bem suave, pairando no ar. Vaguinho ouviu um farfalhar de asas e uma voz conhecida:

– Oi, Vaguinho.

– Oi, Mari. Quem é essa toda colorida? Da noite é que não é!!?

Marieta encolheu-se, tímida e receosa. Um sentimento de medo acelerou seu coraçãozinho.

– Não, não é da noite. É Marieta, a borboleta, que nunca saiu à noite. Só conhece o sol, mas hoje veio ver a cheia da lua - explicou a mariposa.

– Oi, Marieta, vamos dançar? - murmurou Vaguinho, com voz amiga e doce. Marieta sorriu, o medo sumiu e suas perninhas com os sapatinhos brilhantes lançaram-se no ar tranquilo da noite.

Enquanto uma musiquinha de grilo soava, brincaram de roda, rodando em redor da luz de Vaguinho.





Pouco depois, disse Marieta, transpirando, com a maquiagem derretendo ao redor dos olhos.
— Estou cansada, Mari. Brinquei tanto! Já estou ficando com sono.



- Já se cansou, Marieta? A noite mal começou!
- Eu sei, está tão gostoso, mas eu tenho sono, disse Marieta, antes de dar um longo bocejo, abrindo e fechando as longas pestanas.
- Vamos embora, então, mas antes vamos passar ali, naquela árvore, onde sempre está o Ourinho.
- Ourinho? - perguntou Marieta, novamente preocupada!!
- É. Ourinho, o besourinho.

Quando pousaram na árvore, Marieta esticou as antenas, esbugalhou outra vez os olhos e viu um besouro, com um chifrinho na cabeça, descansando sobre um galho. Encolheu-se. O coraçãozinho disparou de novo. As perninhas tremeram.

— Oi, Mari! Quem é essa toda colorida com as cores do sol? - perguntou o besouro.

— É do dia. É Marieta, a borboleta - respondeu Mari, tranquila.

— Oi, Marieta!

— Oi! - respondeu com um leve tremor na voz.



— Não se
assuste,
Marieta! - disse
Ourinho. Somos
da noite, temos
cor da noite. A
noite não é tão
perigosa como
você imagina.
Marieta
acalmou-se um
pouco.

- EU acho a noite bonita, mas sinto frio e não consigo voar bem. Tenho receio de trombar com alguém desconhecido voando por aí.
- É bem possível que você dê trombadas. Nós não. Enxergamos melhor à noite. A luz do sol nos cega durante o dia - disse Ourinho.

— Olha, Ourinho, eu queria conversar mais um pouco, mas estou cansada - disse Marieta, depois de um longo bocejo. — A Mari vai me levar até minha árvore florida, a minha casa. Quer vir com a gente?
— Claro!



Enquanto voavam, Marieta curiosa perguntava:

– Ourinho, você já passeou durante o dia?

– Já. E senti muito medo! - disse, abrindo mais um dos seus olhos do que o outro.

– Medo?

– É, medo. Tem muita coisa perigosa durante o dia, disse com convicção.

– Ué! E eu pensando que a noite é que era perigosa.

Virando os olhos para Mari, disparou um convite:

– Mari, que tal dar um passeio durante o dia comigo?

— Eu topo - respondeu sem receio algum. — Estou curiosa para conhecer o dia - disse mariposando ao redor de Ourinho.



Despediram-se dele e voaram as duas, uma borboletando, outra mariposando.



O dia em que Mari, a mariposa, foi passear com Marieta, a borboleta

O dia era daqueles de muito sol, calor e nuvens escuras no céu. Era verão. Era dezembro. Mari, a mariposa, tinha se levantado cedo. Estava trocando o dia pela noite. Sempre dormia de dia, no oco da jabuticabeira. Nunca tinha saído durante o dia. Tinha medo da luz, do calor, da barulheira toda que tem de dia.



Apesar desse medo todo, estava curiosa para mariposar durante o dia. Estava ansiosa, nervosa, como se fosse fazer uma viagem a algum lugar desconhecido, mas era o mesmo quintal onde sempre vivera!!

Exercitava suas asas quando Marieta chegou, toda amarela, brilhante, linda, com os grandes olhos redondos muito alegres e pelinhos penteados.

– Oi, Mari. Vamos para o nosso passeio?

– Vamos! Mas eu estou com medo, Marieta. Eu nunca saí durante o dia.

– Que medo o quê? O dia é claro, a gente vê tudo, não existe nada que possa fazer mal para nós.

– Eu não sei, mas enxergo melhor durante a noite. E à noite só temos amigos. Ninguém faz mal para ninguém - disse um pouco intranquila. Sentiu um pressentimento estranho.



— Não fique nervosa!
Eu mostrarei a você
jardins com flores
coloridas - disse Marieta.

— Tá bom. Sem medo,
então! - disse assim, mas
um medinho arrepiava
suas asas.

Voaram sob um céu azul e um sol brilhante que ofuscava os olhos de Mari.

– Que nuvem bonita! - exclamou Mari.

– Bonita!? Tá tão escura! Acho que vai chover forte! - disse Marieta, olhando para o céu.

– Tomara que chova três dias sem parar!

– Que é isso, Mari? Três dias!?

— Brincadeira, Marieta, brincadeira. Quero uma
chuvinha rápida. Rápida e gostosa.

— Ah! Bom!

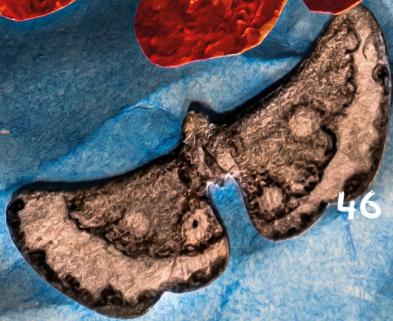




Mal acabaram de falar, pingos grossos começaram a cair sobre as plantas.

Enquanto a chuva molhava as folhas e flores, espirrando água para todos os lados, as duas conversaram protegidas embaixo de uma grande folha.

A chuva logo passou e
voltaram a voar.

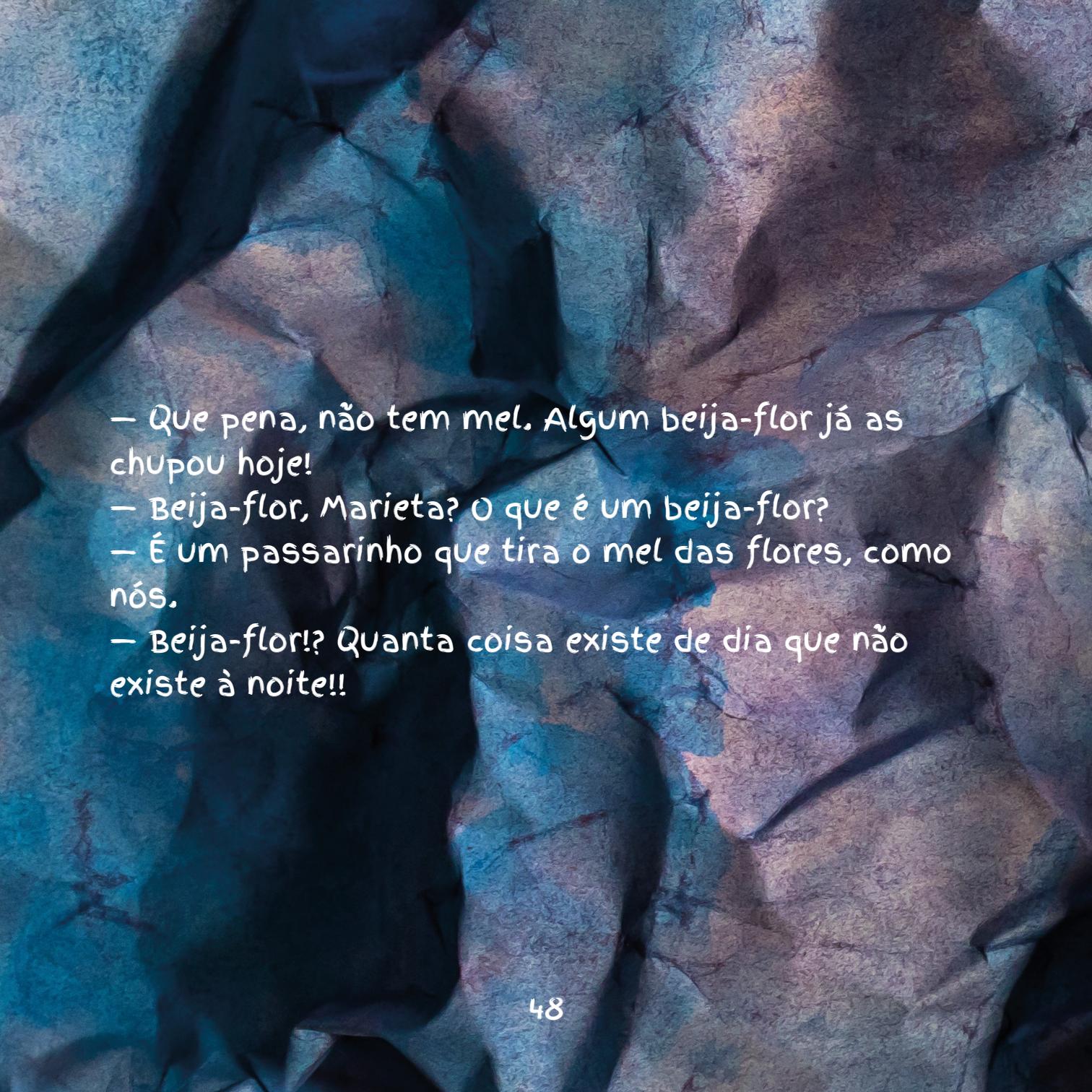


– Veja - disse Marieta. Aquelas flores vermelhas não são bonitas?

– São - disse Mari, sem muito entusiasmo.

– Vamos pousar lá. Deve ter algum melzinho gostoso.

Pousaram.

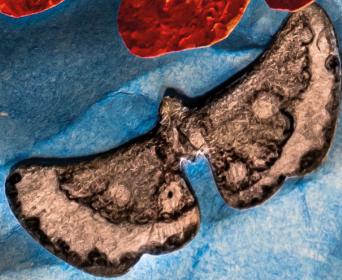
- 
- Que pena, não tem mel. Algum beija-flor já as chupou hoje!
 - Beija-flor, Marieta? O que é um beija-flor?
 - É um passarinho que tira o mel das flores, como nós.
 - Beija-flor!? Quanta coisa existe de dia que não existe à noite!!

- Existe tanta coisa que você nem imagina, Mari!
- À noite também tem tanta coisa que você nunca viu, Marieta!!
- É. Eu fico com vontade de conhecer mais. Muito mais, mas tenho medo.

De repente, Marieta assustou-se e o pressentimento de Mari ressurgiu.

- Vamos sumir daqui, Mari!
- Por quê, Marieta, por quê?
- Um menino, um menino!
- Ué? Menino não faz mal nenhum!
- Voe! Voe!! - gritou, desesperadamente, Marieta!

Mari saltou da flor
para o espaço.



Marieta já voava desesperada, batendo as asas rapidamente, com os olhos redondos assustados e com as patinhas bem encolhidinhas.

As duas voavam uma ao lado da outra. Mari não entendia por que deveriam fugir de um menino! Medo de meninos!!!?? Nunca tinha corrido deles.

— Mais rápido, Mari, mais rápido! - gritava Marieta. O menino sempre atrás.



Elas voavam sobre as moitas de capim. O menino
atrás. Voavam para um gramado. O menino atrás
com uma redinha na mão.



Voavam, voavam. Estavam ficando cansadas. O menino não desistia. Voavam. Voavam. De repente, a rede caiu rápida sobre as duas. Tentaram voar, mas não conseguiram. Suas asas prenderam-se na rede. Os olhos do menino brilhavam de alegria.

— Ele nos pegou, Mari! - choramingou Marieta.

— Por quê? Para quê?

— Eles pegam a gente, prendem e depois nos espetam com alfinetes em pedaços de papel.

— Por quê? Por quê? - perguntava, assustada, Mari, a mariposa.

— Porque somos coloridas, muito coloridas - respondeu Marieta ao mesmo tempo em que caía num choro convulsivo.



Mari, ainda assustada, mas sem chorar, viu os dedos do menino apertarem as asas de Marieta e puxá-la para fora da rede. Ela começou a chorar e a gritar:

— Marieta! Marieta!

Marieta não falava. Só chorava.

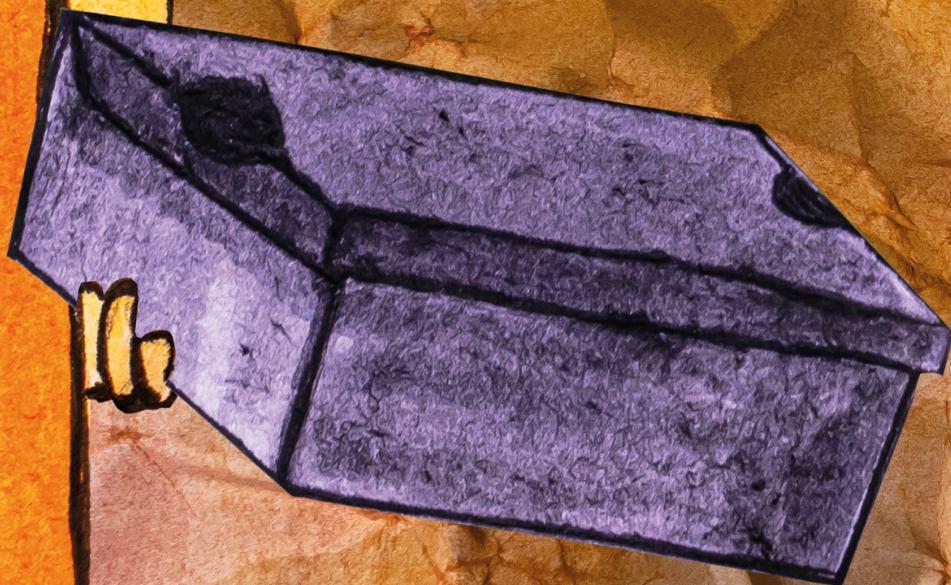


O menino abriu uma caixa de sapatos vazia e jogou a borboleta lá dentro, no escuro. Tornou a enfiar a mão na rede para pegar Mari.

Ela voava para lá e para cá. Ele tentava e não conseguia. Mari voava, voava. Fugiu para lá, para cá, mas logo se cansou. Quando não aguentou mais, sentiu os dedos do menino em suas asas, mas como estavam abertas, em repouso, ele não conseguia pegá-las.

Pegou-a então pelo corpinho mole. Ela gemeu baixinho. Ele a puxou para fora.

— Agora vou para caixinha - pensou, aflita. Ao invés de colocá-la na caixa, o menino soltou-a no ar, livre.



Assustada, ela não voou direito e trombou contra as folhas de uma árvore.

— Por que ele me soltou? - perguntou para si mesma. Por quê?

O menino saiu levando a caixa. Mari viu-o, aos poucos, sumir levando Marieta e outras tantas borboletas.



Mari observou o sol, as nuvens, a luz do dia, as folhas, as cores e não achou nada bonito. Sentiu uma tristeza grande, tão profunda.

Abriu as asas lentamente e começou a voar para sua árvore, para sua casa, para sua noite.

Mas não era noite ainda. Enquanto voava, pensava em Marieta, na caixa de sapatos, no menino.

Pensava, pensava. E não se conformava.

Seu desespero foi desaparecendo enquanto surgia uma coragem danada. Apontou as antenas para a direção em que ia o menino com a caixa e a rede.



Voou como um beija-flor. O menino estava cada vez mais perto. E seu rosto também. Mari se aproximou rapidamente. O menino, distraído, nem viu aquela coisinha cinza, meio marrom se aproximando. Assustou-se quando sentiu alguma coisa bater em seus olhos. Imediatamente largou a caixa para esfregá-los.

A caixa caiu no chão. A tampa se abriu. Borboletas amarelas, vermelhas, azuis, prateadas, coloridas todas saíram, meio assustadas, meio alegres.

– Voa, Marieta, voa! - gritava Mari, pairando no ar.

– Que bom! A caixa se abriu, Mari!

— Vamos embora daqui - gritou a mariposa.
As outras borboletas não conheciam Mari. Nem
conheciam mariposas. Mas perceberam que era uma
amiga.

Logo formaram um círculo no ar. Dançaram e cantaram músicas de roda. Músicas de borboletas. No centro da roda, Mari, a mariposa, chorava de alegria por ter salvado todas as borboletas.



À noite, nos galhos da jabuticabeira, sob a luz da lua cheia, de ouvidos atentos e olhos arregalados, Vaguinho e Ourinho ouviam as aventuras vividas em um dia de sol contadas por Mari, a mariposa, ainda um pouco assustada.



Dago Arena nasceu em Quintana, São Paulo, em 1950. Em 1986 lançou seu primeiro livro infantil. Os obstáculos para publicar o desanimaram. No mesmo ano começou a escrever *Mari*, a *Mariposa* e *Marieta*, a borboleta, em uma máquina Olivetti Studio 44, portátil, mas abandonou a história impressa em uma pasta. Retomou-a em 2021, 35 anos depois. Concluiu-a em 2022 para publicá-la pela Pedro & João. Outros de seus escritos sumiram com o envelhecimento de velhos disquetes e de processadores de texto, como Word Star, Word Perfect e o completamente esquecido, o Carta Certa. Se esta história cair bem para os olhos das crianças, Dago Arena se debruçará sobre o teclado de um notebook para criar e recriar outras tantas histórias que borbulham no lado infantil de sua mente.

Fernanda Carneiro nasceu numa cidade bem pequenina no interior do Estado do Rio de Janeiro chamada Areal. Cresceu em meio a correrias e brincadeiras de quintal na companhia de sua amiga imaginária, das formigas mijonas, das borboletas, folhas de árvores, gravetos... Enfim na companhia das coisas mais que belas. Fernanda adalteceu e seu quintal agora é outro. Hoje ela corre para as páginas dos livros infantis onde brinca e se diverte com as formas e cores das ilustrações que cria!



Mari, uma mariposa, e
Marieta, uma
borboleta, passeiam
juntas em uma noite de
lua cheia e em um dia
de sol brilhante.



Alegria, medo e frios na barriga acompanharam os
voos das duas por um quintal, entre árvores e
flores. O que se passou durante a noite? E o que
aconteceu sob o sol brilhante? Só lendo mesmo para
saber!

